

A LIDERANÇA, A DESOBEDIÊNCIA E A ÉTICA MILITAR: EXEMPLO DO ALMIRANTE VISCONDE NELSON DO NILO*

ANTONIO LUIZ **PORTO** E ALBUQUERQUE
Capitão-de-Fragata (Ref^o)
Doutor em Filosofia
Professor de História Naval

SUMÁRIO

Introdução
A tática
A história e a liderança
A ética (I)
A doutrina
A ética (II)
A obediência
Conclusão

INTRODUÇÃO

Embora Carl von Clausewitz não tenha considerado a logística como parte da guerra¹, ela é assim comumente considerada ao lado das outras duas, a estratégia e

a tática. Destas três partes, a que está necessariamente no centro da violência – tida esta como essencial à guerra por aquele pensador militar alemão – é a tática, uma vez que ela diz respeito diretamente ao emprego das forças na batalha.

* In *A Galera*, Rio de Janeiro: Escola Naval, 1996, p. 19 e 20.

1. Cf. Clausewitz, Carl von. *Da guerra*. Trad. de Tereza Barros Pinto Barroso. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 138-139.

1. Cf. Preston, Richard e Wise, Sydney F. *Men in arms*. New York: Holt, Rinechart and Winston, 1979, p. 144-145.

A TÁTICA

Considerando a geometria do conflito bélico, a tática envolve basicamente três elementos: a posição, a distância entre os oponentes e a manobra. Esta última busca, justamente, as condições mais favoráveis para as outras duas, de modo que o emprego das armas seja o melhor possível (em posição relativa e alcance). Sobretudo na guerra naval, não é outra a função da manobra, uma vez que, neste caso, o que importa é o resultado do atrito, já que a batalha naval se vence pela destruição da força oponente ou de parte dela, e não pelo cerco ou envolvimento (como, muitas vezes, se pôde fazer entre forças terrestres, devendo-se a vitória à manobra, evitando-se mesmo a batalha e a destruição²).

A tática, porém, é diretamente dependente de três outros fatores: o homem, a tecnologia e a doutrina. Estes três fatores estão relacionados entre si, sendo que o primeiro deles é o maior e o mais importante.

A HISTÓRIA E A LIDERANÇA

A história, tomada como experiência³, quer a experiência global da Humanidade (história geral), quer de grupos setoriais ou mesmo de indivíduos, é a melhor fonte para mostrar que, na guerra, a liderança é o

primeiro dos requisitos para levar a resultados favoráveis os engajamentos militares. O Almirante Thomas B. Hayward, da Marinha norte-americana, considera a liderança como “o mais vital ingrediente da tática”⁴. O Capitão-de-Mar-e-Guerra Wayne P. Hughes Jr., professor da Escola de Pós-Graduação da Marinha, em Monterey, Califórnia, e autor de moderníssimo livro sobre tática editado nos Estados Unidos, chega a dizer textualmente: “A execução da tática no campo de batalha é uma questão de liderança, que se apodera dos corações e das mentes dos homens do

mar”⁵. Para o entendimento e o exercício da liderança, a Psicologia, a Sociologia e a Ética, aplicadas ao universo militar, confluem de modo admirável, agindo como suporte indispensável para a competência profissional,

que, em batalha, depende de um conhecimento, em níveis adequados, das possibilidades oferecidas pela tecnologia aplicada aos meios de destruição.

Não foi por outra razão que o General Benjamin Rattenbach (oficial respeitadíssimo, encarregado do grande inquérito que apurou o desastre argentino na Guerra das Malvinas, em 1982) ressaltou a importância das ciências sociais para o entendimento do sistema social-militar, no qual a liderança deve ser exercida de modo vital⁶.

Na guerra, a liderança é o primeiro dos requisitos para levar a resultados favoráveis os engajamentos militares

2. Cf. Preston, Richard e Wise, Sydney F. *Men in arms*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979, p. 144-145.

3. Cf. Shotwell, James T. *A interpretação da história e outros ensaios*. Trad. de Murilo Bastos Martins. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 33.

4. Hayward, Thomas B. “Foreword”, in Hughes Jr., Wayne P. *Fleet tactics: theory and practice*. Annapolis: U.S. Naval Institute, 1966, p. XIII.

5. Hughes Jr., Wayne P. Ob. Cit., p. 9.

6. Cf. Rattenbach, Benjamin. *El sistema social-militar en la sociedad moderna*. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1972, p. 16 s.

A ÉTICA (I)

Por que cito a ética, particularmente, em relação ao fator humano, do qual a tática é dependente?

Porque, como a maioria das pessoas, reconheço a impropriedade ou a inocuidade dos recursos tecnológicos disponíveis na batalha, se não houver a intervenção do homem, a partir da decisão do comandante até a execução da operação, por mais simples que seja, que possa dar consequência à ação militar.

Ora, a Ética pode ser entendida como a reflexão sobre os motivos ou as causas da conduta humana⁷. No caso particular dos militares, cujo comportamento se pauta por costumes rígidos, pode-se tomar o exemplo extremo da obediência aplicada à tática para que se perceba a importância da ética militar. Dar-se-ia uma inquirição à razão sobre as “forças” que determinam a conduta obediente. Para tanto, envolvo nesta argumentação a doutrina, outro fator de que a tática é dependente.

A DOCTRINA

Como se sabe, a doutrina é necessária para a padronização dos procedimentos, tornando-se a base para o treinamento, o adestramento e a avaliação do desempenho das forças navais.

O Comandante Hughes, já mencionado, diz que é preferível errar por excesso de doutrina do que por falta dela. “Demasiada

falta de doutrina indica preguiça. hesitação ou incerteza. A mais clara evidência de deficiência doutrinária é o excesso de comunicações [...] A boa doutrina reduz o número de decisões do comando no calor da batalha, quando mesmo uma cabeça fria pode ser tomada pela paixão e, rapidamente, pela exaustão emocional e física”.⁸

A doutrina, portanto, impõe obediência para que surta os efeitos desejados. Paradoxalmente, porém, a doutrina favorece a iniciativa, que pode levar à frontal desobediência do que é doutrinariamente prescrito. A doutrina favorece a iniciativa porque o comandante sabe qual deverá ser o procedimento

que normalmente será seguido, e, se perceber que aquele procedimento levará a um mau resultado, inovará.

Um exemplo claro é o de Nelson, ao tempo em que comandava o *Captain*, durante a batalha do Cabo São Vicente (10 de fevereiro de 1797).

A doutrina em vigor na *Royal Navy* erroneamente tornara-se dogmática e determinava, explicitamente, que os navios engajados não poderiam deixar a formatura (coluna), por razões de controle, coesão etc. Nelson, vendo que se armava uma situação altamente desfavorável para os britânicos, com a iminente reunião de forças inimigas no teatro tático, deixou a coluna, guinou isoladamente com seu navio, e engajou sozinho com um grupo de navios adversários, impedindo a pretendida reunião e propiciando a vitória britânica.

Nelson fez isso porque sabia qual seria o comportamento tático dos comandantes

A boa doutrina reduz o número de decisões do comando no calor da batalha, quando mesmo uma cabeça fria pode ser tomada pela paixão

7. Cf. Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 360.

8. Hughes Jr., Wayne. Ob. cit., p. 29.

ingleses: ninguém deixaria a coluna, em obediência à doutrina, e dar-se-ia a ação de forças inimigas, que dificultaria ou inviabilizaria a vitória britânica.

A ÉTICA (II)

Diante desse fato, Nelson foi duramente criticado por seus adversários, uma vez que desobedecera às ordens em vigor, desobediência passível de corte marcial. O capitão-de-bandeira da esquadra britânica fez seu protesto junto ao Almirante Jervis, recriminando a conduta de Nelson⁹.

Tal postura dos críticos, especialmente a do Comandante Calder, o capitão-de-bandeira citado, não foi ética. E por que não? Porque “a ética tem que buscar os princípios que dirigem a consciência na escolha do bem”¹⁰.

Tratando-se de ética militar, quando a sociedade confere a um grupo de profissionais a responsabilidade de sua defesa, e até de sua sobrevivência, encontra-se aí o problema de relação do homem militar com a sociedade, cuja ordenação é parte do sistema moral.

No caso em questão, o costume, a norma de conduta, é a obediência às ordens, mas o bem desejado (defesa e/ou sobrevivência da sociedade) decorrerá da vitória na batalha.

A OBEDIÊNCIA

Uma reflexão sobre o costume (no caso a obediência), inquirindo seus fundamentos e suas razões, pode demonstrar que a obediência deve ser vista como um ato hu-

mano, portanto voluntário e livre, não sendo um fim em si mesma.

Não pode ser outra a interpretação da chamada **disciplina consciente**, tão cara a nós, oficiais de Marinha, e bastante valorizada em nossa formação.

A obediência, pois, deve ser conseqüente, consoante o fim desejado.

Ora, a aplicação da doutrina tática, que necessariamente supõe obediência, mas que não pode ser dogmática, acarreta como meio a realização de movimentos (manobras, operações, emprego de armas etc.), que têm como fim um resultado favorável – a vitória – no caso de uma batalha.

A obediência deve ser vista como um ato humano, portanto voluntário e livre, não sendo um fim em si mesma

Então, a boa ética militar recomenda o entendimento e a aceitação de uma manobra tática como a realizada por Nelson, a qual não deveria despertar críticas maldosas, desautorizadas, aliás, prontamente pelo Almirante

Jervis e pela ética prevalecente na organização naval britânica, que levou imediatamente Nelson a ser promovido a contra-almirante e resultou em alterações doutrinárias visando ao favorecimento da flexibilidade de manobra, com a introdução de formaturas separadas para o combate.

CONCLUSÃO

A História consagrou Nelson como líder incontestado.

Considerando a liderança como um atributo indispensável para a tática, tem-se a ética como parte essencial da formação de homens, fatores primordiais intervenientes

9. Cf. Potter, E. B. e Nimitz, Chester W. *Sea power a naval history*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1960, p. 121-123.

10. Cf. Yurre, Gregório de. *Ética*. Vitória: Editorial ESET, 1969, p. 4.

nesta parte da guerra que, como disse acima, tem necessariamente relação direta com a violência na batalha.

Aí muito bem se vê o problema da integração dos fatores apontados: o homem, a tecnologia e a doutrina.

📁 CLASSIFICAÇÃO POR ÍNDICE REMISSIVO:

<VALORES> / Liderança /; Nelson (almirante inglês); Doutrina; Ética; Obediência; Tática;

Um líder vê sempre três coisas: O que deve ser feito, o que pode ser feito, e como fazê-lo.

Eleanor L. Doan